

SÉRIE COM MAIS DE 3 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

BRENT WEEKS

CAMINHO DAS SOMBRAS

ANJO DA NOITE | LIVRO 1

O assassino perfeito
não tem vínculos,
apenas vítimas



*Para Kristi: confidente, companheira,
melhor amiga, mulher.*



Midcyru

+++++ Fronteira nacional

----- Fronteira em disputa ou abandonada

Fortaleza de Pedra

Lago Vestacchi

Ymmur

As Estepes

Friaku

X!ZASSU

As Terras Partidas

SKONE
Capital Oriental

SHO'FASTI

Tover

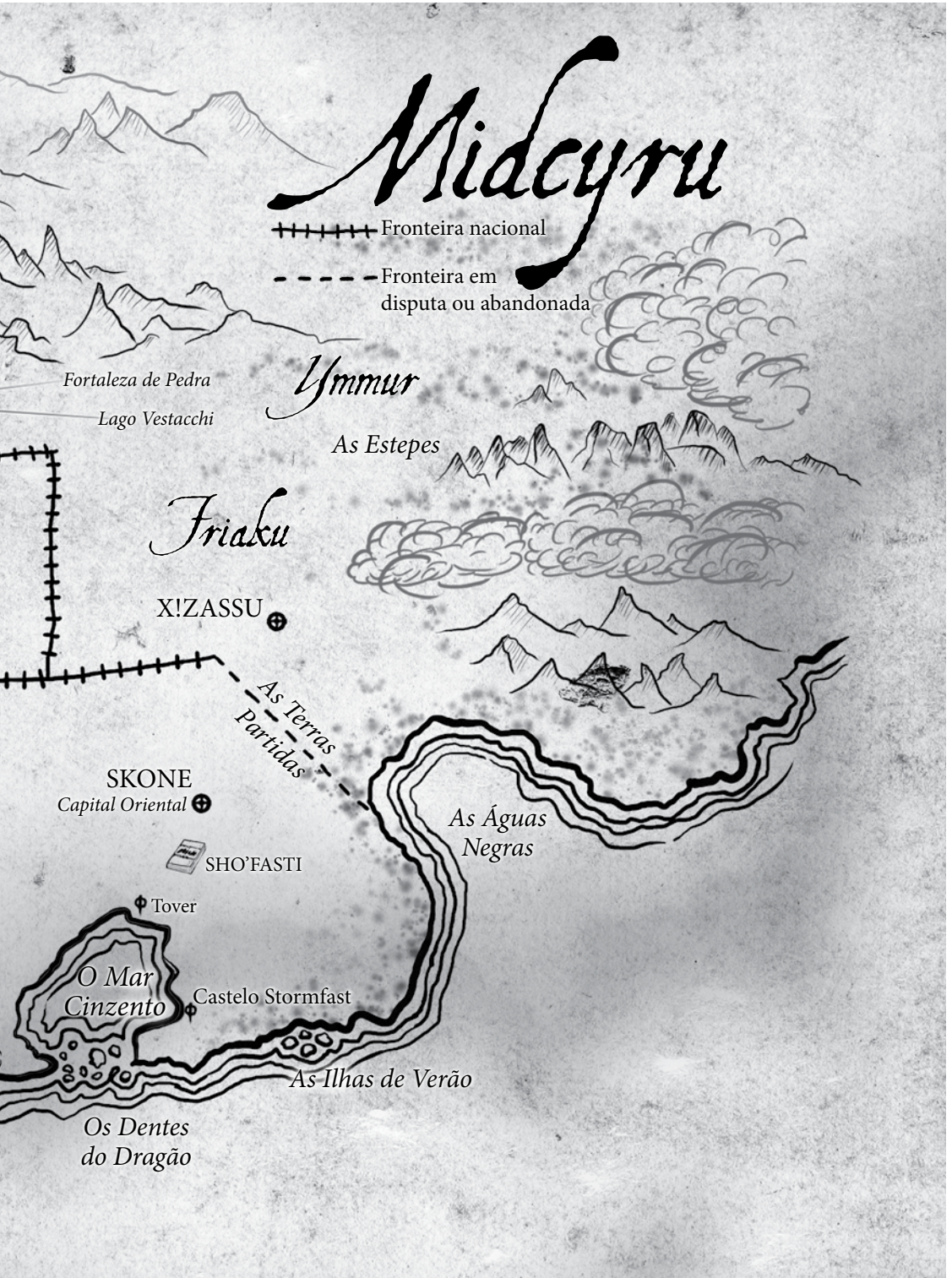
As Águas Negras

O Mar Cinzento

Castelo Stormfast

As Ilhas de Verão

Os Dentes do Dragão





Agachado no beco, Azoth sentiu a lama fria por entre os dedos dos pés descalços. Olhou para o espaço estreito abaixo da parede e tomou coragem. O sol ainda demoraria muitas horas para nascer e a taberna estava às moscas. A maioria das tabernas da cidade tinha chão de terra batida, mas aquela parte das Tocas havia sido construída sobre um pântano. Como nem os bêbados mais determinados gostam de encher a cara com lama até os tornozelos, o estabelecimento fora erguido alguns centímetros sobre palafitas e o chão era feito de grossas varas de bambu.

Moedas às vezes caíam pelas frestas, mas o espaço inferior era baixo demais para a maioria das pessoas. Os grandes da guilda não cabiam e os pequenos eram medrosos demais para se espremerem naquela escuridão sufocante compartilhada com aranhas, baratas, ratos e o gato selvagem que pertencia ao dono. O pior de tudo era a pressão do bambu nas costas, que o esmagava toda vez que um cliente caminhava pela taberna. Durante um ano, aquele fora o lugar preferido de Azoth, mas ele não era mais tão pequeno como antigamente. Da última vez, ficara entalado e passara horas em pânico até começar a chover e o chão amolecer o suficiente para que pudesse escavar uma saída.

Aquele era o momento perfeito: o chão estava enlameado, não havia clientes e o gato tinha sumido. Além disso, Rato coletaria a taxa da guilda no dia seguinte e Azoth ainda não conseguira as quatro moedas de cobre, de modo que não lhe restava muita escolha. Rato não era um sujeito compreensivo nem tinha noção da própria força. Muitos pequenos morreram depois de apanhar dele.

Empurrando de lado montinhos de lama, Azoth se deitou de bruços. A terra molhada encharcou sua túnica fina e imunda na mesma hora. Precisaria agir depressa. Era um menino magro e, se pegasse um resfriado, as chances de se curar não seriam lá muito boas.

Deslizou pelo escuro e começou a procurar um brilho metálico. Algumas lâmparinas estavam acesas na taberna e a luz vazava pelas frestas, iluminando a lama e a água empoçada com retângulos alaranjados. A névoa do pântano subia pelos

fachos, se condensava e caía, repetindo o movimento vezes sem conta. Teias de aranha se desfaziam no rosto de Azoth e ele sentiu uma ardência na nuca.

Parou na mesma hora. Não, era só sua imaginação. Expirou bem devagar. Algo reluziu na escuridão e ele catou a primeira moeda de cobre. Deslizou até a viga de pinho, sob a qual ficara entalado na vez anterior, e escavou a lama até o buraco se encher de água. Mesmo assim, a brecha continuou tão estreita que ele precisaria virar a cabeça de lado e se espremer para passar por baixo. Prendeu a respiração, enfiou a cara na água barrenta e começou a engatinhar bem devagar.

A cabeça e os ombros passaram, mas um pedaço de galho o agarrou na parte de trás da túnica, machucando suas costas e rasgando o tecido. Por pouco ele não gritou. Por um espaço mais largo entre duas varas de bambu, viu um homem sentado em frente ao balcão, bebendo. Nas Tocas, era essencial avaliar as pessoas. Mesmo quem tinha as mãos velozes, como Azoth, alguma hora acabava sendo pego. Todos os comerciantes batiam nos meninos da guilda que roubavam. Se quisessem ter alguma mercadoria para vender, eram obrigados a fazer isso. O pulo do gato estava em escolher aqueles que espancariam apenas o suficiente para você pensar duas vezes antes de roubá-los de novo; outros dariam a última surra de sua vida.

Havia algo de bondoso, triste e solitário naquela silhueta comprida. O homem devia andar pela casa dos 30, tinha uma barba loura desgrehada e levava uma espada enorme presa na cintura.

– Como pôde me abandonar? – sussurrou ele, tão baixinho que Azoth mal conseguiu distinguir as palavras. Segurava uma caneca na mão esquerda, enquanto a direita envolvia algo que Azoth não conseguia ver. – Depois de tantos anos que passei a seu serviço, como pôde me abandonar agora? É por causa de Vonda?

Azoth sentiu uma coceira na batata da perna; ignorou-a. Era apenas sua imaginação outra vez. Levou a mão às costas para soltar a túnica. Precisava achar as moedas e sair logo dali.

Algo pesado caiu no chão acima dele e empurrou seu rosto para dentro d'água, expulsando o ar de seus pulmões. Ele arquejou e quase bebeu um pouco da água suja.

– Ora, Durzo Blint, você sempre me surpreende – disse o homem acima de Azoth. Não dava para vê-lo por entre as frestas, apenas sua adaga em punho. Devia ter pulado das vigas do telhado. – Também acho que as pessoas devem cumprir suas ameaças, mas devia ter visto Vonda quando ela compreendeu que você não iria salvá-la. Juro, eu quase chorei.

O homem comprido se virou. Sua voz saiu vagarosa, embargada:

– Eu matei seis homens hoje. Quer que sejam sete?

Azoth aos poucos entendeu do que estavam falando. O homem comprido era o derramador Durzo Blint. Um derramador era mais ou menos como um assassino... da mesma maneira que um tigre era mais ou menos como um filhote de gato. Entre os derramadores, Durzo Blint era *sem dúvida* o melhor. E, como costumava dizer o líder da guilda de Azoth, qualquer dúvida quanto a isso não durava muito.

E eu achei por um minuto que Durzo Blint tinha um ar bondoso!

A batata da perna de Azoth tornou a coçar. Não era sua imaginação. Algo estava subindo por dentro da sua calça. Parecia grande, mas não tanto quanto uma barata. O medo de Azoth identificou o peso: era uma aranha-lobo. O veneno daquele bicho liquefazia a carne humana em um círculo que aumentava lentamente. Mesmo com a ajuda de um curandeiro, um adulto picado perdia um dos membros na melhor das hipóteses. Um menino da guilda não teria a mesma sorte.

– Blint, com tudo o que você andou bebendo, vai ter sorte se não cortar a própria cabeça. Só durante o tempo que passei vigiando, você tomou...

– Oito canecas. E antes já tinha tomado quatro.

Azoth não se mexeu. Se unisse as pernas com um tranco para matar a aranha, a água chapinharia e os homens saberiam que ele estava ali. Ainda que Durzo Blint tivesse lhe parecido bondoso, aquela espada era grande à beça e Azoth sabia que não podia confiar em adultos.

– Você está blefando – disse o outro homem, mas o medo transpareceu em sua voz.

– Eu não blefo. Por que não convida seus amigos para entrar?

A aranha subiu pela parte interna da coxa de Azoth. Tremendo, ele ergueu a parte de trás da túnica e esticou o cós da calça, formando uma abertura e rezando para o animal sair por ali.

Acima dele, o homem da adaga levou dois dedos à boca e assobiou. Azoth não viu Durzo se mexer, mas o assobio terminou em um gorgolejo; instantes depois, um corpo desabou no chão. Houve gritos e as portas da frente e dos fundos da taberna se abriram de supetão. As tábuas se vergaram e deram pinotes. Concentrado em não sacudir a aranha, Azoth não se mexeu, nem mesmo quando outro corpo caiu e empurrou seu rosto de novo para dentro d'água.

O bicho rastejou pela bunda de Azoth e subiu no seu polegar. Bem devagar, o menino aproximou a mão para poder vê-lo. Seus temores estavam certos: era uma aranha-lobo, com as patas tão compridas quanto seu polegar. Ele a jogou longe e esfregou os dedos para se certificar de que não fora picado.

Estendeu a mão para o galho partido que prendia sua túnica e o quebrou. No súbito silêncio lá em cima, o barulho foi amplificado. A poucos metros, algo pin-

gava das tábuas e formava uma poça. Estava escuro demais para ver o que era, mas bastava um pouco de imaginação para adivinhar.

Aquele silêncio era sinistro. Se qualquer um tivesse andado pelo piso, teria feito as tábuas gemerem e os bambus se vergarem. A luta inteira durara uns vinte segundos e Azoth tinha certeza de que ninguém saíra da taberna. Será que haviam se matado até o último homem?

Sentiu frio e não foi só por causa da água. A morte não era algo raro nas Tocas, mas Azoth nunca tinha visto tantas pessoas morrerem com tamanha rapidez e facilidade.

Mesmo tomando um cuidado extra por causa da aranha, em poucos minutos conseguiu catar seis moedas de cobre. Se tivesse mais coragem, saquearia os cadáveres na taberna, mas não conseguia acreditar que Durzo Blint estivesse morto. Talvez o homem fosse mesmo um demônio, como as outras crianças alegavam. Talvez estivesse à espreita lá fora, esperando para matar Azoth por espioná-lo.

Com o peito contraído de medo, o menino se virou e rastejou em direção ao seu buraco. Seis moedas de cobre. Como a taxa eram só quatro, poderia comprar pão e dividir com Jarl e a Menina-Boneca no dia seguinte.

A 30 centímetros da abertura, algo brilhante cintilou bem em frente ao seu nariz. Estava tão perto que foi preciso alguns instantes para o objeto entrar em foco. Era a imensa espada de Blint fincada na lama, impedindo a fuga de Azoth.

Logo acima dele, do outro lado do bambu, o homem sussurrou:

– Nunca conte o que aconteceu aqui. Entendeu? Já fiz coisa pior do que matar crianças.

A espada desapareceu e Azoth partiu correndo noite adentro. Só parou quilômetros depois.



– **Q**uatro moedas de cobre! Quatro! Aqui não tem quatro!
O rosto de Rato estava tão vermelho de raiva que suas espinhas pareciam uma profusão de pontinhos brancos. Ele agarrou a túnica esfarrapada de Jarl e o ergueu do chão. Azoth baixou a cabeça. Não conseguia assistir àquilo.

– Quatro é isto aqui! – gritou Rato, perdigotos saindo de sua boca.

Quando ele deu um tapa na cara de Jarl, Azoth entendeu que aquilo era uma performance, não a surra, pois Rato com certeza estava batendo no amigo, mas o fazia com *a mão aberta*. Assim provocava mais barulho. Ele nem prestava atenção no garoto. Em vez disso, observava o resto da guilda, saboreando o medo que causava.

– Quem é o próximo? – perguntou, largando Jarl.

Azoth logo deu um passo à frente para Rato não chutar seu amigo. Aos 16 anos, o cobrador já tinha o tamanho de um homem feito e era gordo, o que o destacava entre os nascidos escravos.

Azoth estendeu suas quatro moedas de cobre.

– Oito, fedelho – disse Rato, pegando o dinheiro.

– Oito?

– Você tem que pagar pela Menina-Boneca também.

Azoth olhou em volta à procura de ajuda. Alguns dos grandes se remexeram e se entreolharam, mas ninguém disse nada.

– Ela é pequena demais – alegou Azoth. – Os pequenos só pagam taxas depois dos 8 anos.

A atenção se transferiu para Menina-Boneca, sentada no chão de terra batida. Ela percebeu os olhares e se encolheu. Era minúscula, mas tinha olhos imensos. Por debaixo da sujeira, seus traços eram tão perfeitos quanto o apelido sugeria.

– Pois ela tem 8 anos para mim, a não ser que desminta – disse Rato com um olhar maldoso. – Então, Menina-Boneca? Se não falar, dou uma surra no seu namorado.

Os olhos dela ficaram ainda maiores e Rato riu. Azoth não protestou nem explicou que a garota era muda. Não adiantaria. Rato sabia. Todo mundo sabia. Mas Rato era o Punho. Só obedecia a Ja'laliel, que não estava ali.

Ele puxou Azoth mais para perto e baixou a voz.

– Azo, por que você não se junta aos meus meninos bonitos? Nunca mais vai precisar pagar taxas.

Azoth tentou falar, mas sua garganta estava tão contraída que ele só conseguiu ganhar. Rato riu de novo e todos o acompanharam, alguns apreciando a humilhação, outros apenas com a intenção de deixá-lo de bom humor. Ódio percorria o corpo de Azoth. Odiava Rato, odiava a guilda, odiava a si mesmo.

Pigarreou para tentar falar outra vez. Rato o encarou e sorriu com desdém. Ele era grande, mas não burro. Sabia quanto pressionava Azoth. Sabia que ele desabaria de medo, igual a todos os outros.

Mas Azoth cuspiu um naco de catarro na sua cara.

– Vai se foder, seu rato gordo!

O silêncio aturdido pareceu durar para sempre. Um instante dourado de vitória. Azoth teve a impressão de ouvir queixos caindo. A sanidade estava começando a se apoderar dele outra vez quando o punho de Rato o acertou na orelha. O mundo se tornou um borrão quando ele caiu no chão. Compreendendo que estava prestes a morrer, Azoth piscou e olhou para seu inimigo, cujos cabelos negros reluziam feito um halo contra o sol do meio-dia.

– Rato! Rato, estou precisando de você.

Azoth rolou de bruços e viu Ja'laliel surgir pela porta da guilda. Embora não fizesse calor, sua pele pálida estava salpicada de suor. Ele tossiu de forma pouco saudável.

– Rato! Eu disse *agora!*

Rato enxugou o rosto. Sentir sua raiva arrefecer foi mais assustador do que vê-la se abrasar. Sua expressão desanuviou e ele sorriu para Azoth. Apenas sorriu.

– E aí, Jota-O? – disse Azoth.

– E aí, Azo? – respondeu Jarl, indo se juntar ao amigo e à Menina-Boneca. – Você é burro feito uma porta, sabia? Agora todo mundo vai chamar o cara de rato gordo pelas costas dele durante anos.

– Ele queria que eu virasse uma das meninas dele!

Os três estavam apoiados em um muro a vários quarteirões de distância, compartilhando o pão dormido comprado por Azoth. O aroma de pão no forno, embora menos intenso àquela hora do dia, disfarçava os cheiros do esgoto e do lixo que apodrecia nas margens do rio, além do forte odor rançoso de urina dos curtumes.

Enquanto a arquitetura ceurana era toda composta por bambus, divisórias e biombos de fibra de arroz, a cenária era mais grosseira, pesada, e faltava-lhe a simplicidade estudada do estilo ceurano. Enquanto a arquitetura alitaerana era toda de granito e madeira de pinho, a cenária era menos formidável e durável. Enquanto a arquitetura osseini era toda baseada em coruchéus e imensos arcos, as únicas construções cenárias com mais de dois andares eram alguns casarões nobres no lado leste. Os prédios cenários eram todos atarracados, úmidos, vagabundos e baixos, sobretudo nas Tocas. Um material que custasse o dobro do preço jamais seria usado, ainda que durasse quatro vezes mais. Os cenários não pensavam muito, pois sua vida durava pouco. Suas construções muitas vezes tinham bambu e fibra de arroz, pois ambos cresciam ali perto, e também pinho e granito, encontrados não muito longe, mas não havia um estilo próprio. O país fora conquistado tantas vezes ao longo dos séculos que não havia muito de

que se orgulhar além da própria sobrevivência. E nas Tocas não existia sequer esse orgulho.

Sem prestar muita atenção, Azoth partiu o pão em três pedaços e fez uma careta, pois um deles ficara desigual. Pôs um dos maiores em cima da perna e entregou o outro à Menina-Boneca, que o seguia como uma sombra. Estava prestes a entregar a parte pequena para Jarl quando viu o rosto da garota se franzir, desaprovador.

Azoth deu um suspiro e pegou o pedaço menor para si. Jarl nem reparou.

– Melhor virar uma das meninas dele do que morrer – disse Jarl.

– Não vou acabar igual a Bim.

– Azo, quando Ja'laliel comprar a avaliação dele, Rato vai virar o líder da nossa guilda. Você tem 11 anos. Ainda faltam cinco para a sua avaliação. Nunca vai sobreviver até lá. Em comparação com você, Rato vai fazer Bim parecer um cara de sorte.

– O que eu faço então, Jarl?

Em geral, aquela era a hora preferida de Azoth: calava a voz insistente da fome na companhia das duas pessoas que não precisava temer. Mas agora o pão tinha gosto de pó. Olhou na direção do mercado. A peixeira ainda não começara a bater no marido.

Jarl sorriu e os dentes brilharam, contrastando com sua pele negra de ladeshi.

– Se eu contar um segredo, vocês conseguem ficar de bico calado?

Azoth olhou para um lado, depois para o outro, e chegou mais perto de Jarl. O barulho alto de pão sendo mastigado ao seu lado o deteve.

– Bom, *eu* consigo. Não tenho tanta certeza em relação à Menina-Boneca.

Ambos se viraram para onde ela estava sentada, mordendo a ponta do pão. A combinação das migalhas grudadas na sua cara com a expressão de ultraje os fez uivar de tanto rir.

Azoth esfregou a cabeça loura da menina e puxou-a mais para perto quando ela não desfez a careta. Ela tentou se soltar, mas logo desistiu e olhou para Jarl, curiosa. Ele ergueu a túnica e pegou um trapo que havia amarrado em volta do corpo.

– Eu não vou ser como os outros, Azo. Não vou simplesmente deixar a vida fazer de mim o que quiser. Eu vou me mandar.

No meio das dobras do trapo, havia uma dúzia de moedas de cobre, quatro de prata e algo que parecia impossível: dois gunders de ouro.

– Quatro anos. Faz quatro anos que estou economizando.

Ele pôs mais dois cobres dentro da faixa.

– Quer dizer que, todas as vezes que Rato bateu em você por não ter dinheiro, você já estava com isso?

Jarl sorriu e Azoth compreendeu. As surras eram um preço pequeno a pagar pela esperança. Depois de um tempo, a maioria das crianças da guilda se encolhia e deixava a vida surrá-las. Elas viravam animais. Ou então perdiam a cabeça, como Azoth, e acabavam sendo mortas.

Ao olhar para aquele tesouro, uma parte de Azoth quis bater em Jarl, pegar a faixa e sair correndo. Com aquele dinheiro, poderia ir embora, arrumar roupas para substituir seus andrajos e pagar a taxa de aprendiz em algum lugar, qualquer lugar. Talvez até com Durzo Blint, como tantas vezes tinha dito a Jarl e à Menina-Boneca que faria.

Então encarou a garotinha. Sabia como ela olharia para ele se roubasse aquela faixa cheia de vida.

– Se algum de nós consegue sair das Tocas, esse é você, Jarl. Você merece. Tem algum plano?

– Sempre. – Ele ergueu o rosto; seus olhos castanhos brilhavam. – Quero que você fique com o dinheiro, Azo. Assim que descobrirmos onde Durzo Blint mora, vamos tirar você daqui. Está bem?

Azoth encarou a pilha de moedas. Quatro anos. Dezenas de surras. Não só não sabia se faria o mesmo por Jarl, mas também havia pensado em roubar do amigo. Não conseguiu conter as lágrimas, que rolaram quentes. Sentia muita vergonha. Sentia muito medo. De Rato. De Durzo Blint. O medo não o largava. Mas, se fosse embora, poderia ajudar Jarl. E Blint lhe ensinaria a matar.

Ergueu a vista para o amigo; não se atreveu a encarar a Menina-Boneca por medo do que poderia ver em seus grandes olhos castanhos.

– Eu aceito.

Já sabia quem iria matar primeiro.



Durzo Blint subiu no muro da pequena propriedade e observou o guarda passar. *O guarda perfeito*, pensou. Meio lento, sem imaginação e obediente. O homem deu seus 39 passos, parou na quina do muro, plantou sua alabarda no chão, coçou a barriga por baixo da túnica militar, olhou para todas as direções, então seguiu em frente.

Trinta e cinco. Trinta e seis. Durzo saiu da sombra do sujeito e se pendurou do outro lado da passarela. Segurou-se apenas pelas pontas dos dedos.

Agora. Soltou-se e aterrissou na grama bem na hora em que o guarda bateu com o cabo da alabarda na passarela de madeira. Duvidava que ele tivesse escutado, mas, no ofício de derramador, a paranoia era mãe da perfeição. O quintal era pequeno e a casa não parecia muito maior. Fora construída em estilo ceurano, com divisórias translúcidas feitas de arroz. As portas e os arcos eram feitos de cipreste-de-folha-caduca e cedro-branco, e um pinho local mais barato fora usado para a estrutura e o piso. Tratava-se de uma casa sem excessos, como todas as ceuranas, o que condizia com o passado militar e a personalidade ascética do general Agon. Mais do que isso: condizia com seu orçamento. Apesar dos seus muitos sucessos, o rei Davin não o recompensara bem; isso era parte do motivo pelo qual o derramador estava ali.

Durzo achou uma janela destrancada no primeiro andar. A esposa do general, uma mulher sem graça, dormia esparramada numa cama, roncando baixinho. As cobertas ao lado dela estavam remexidas. O casal não era ceurano o suficiente para esteiras de palha, mas era pobre o suficiente para o colchão ser de palha, não de plumas.

O derramador entrou no quarto e usou seu Talento para suavizar o barulho dos passos no piso de tábuas.

Curioso. Um olhar rápido confirmou que o general não tinha apenas ido fazer uma visita conjugal noturna. Os dois de fato dividiam o quarto. Talvez ele fosse ainda mais pobre do que as pessoas pensavam.

Por baixo da máscara, a testa de Durzo se franziu. Era um detalhe que ele não precisava saber. Sacou a curta faca envenenada e andou até a cama. A mulher não sentiria nada.

Durzo parou. Ela estava virada *na direção* das cobertas mexidas. Dormia aninhada ao marido antes de ele se levantar. Não do outro lado da cama, como faria qualquer esposa que estivesse apenas cumprindo os deveres conjugais.

Aquela era uma união de amor. Depois do assassinato, Aleine Gunder planejava oferecer ao general um novo e rápido matrimônio com uma rica nobre. Mas aquele homem, que havia desposado por amor uma mulher malnascida, reagiria de modo bem diferente ao assassinato da esposa do que um que houvesse se casado por ambição.

Que idiota. O príncipe estava tão consumido pela ganância que pensava que todos também fossem assim. O derramador embainhou a faca e saiu para o corredor. Ainda faltava saber onde estava o general. E rápido.

– Maldição, homem! O rei Davin está à beira da morte. Eu ficaria espantado se ele durasse mais uma semana.

Quem quer que tivesse dito isso estava certo. O derramador havia ministrado a última dose de veneno ao rei naquela mesma noite. Quando o dia raiasse, Davin estaria morto, deixando um trono vago para ser disputado por um homem forte e justo e outro fraco e corrupto. O Sa'kagé do submundo tinha grande interesse nesse desfecho.

A voz tinha vindo do térreo. O derramador andou depressa até o fim do corredor. A casa era tão pequena que a sala de recepção funcionava também como escritório. Podia agora ver perfeitamente os dois homens.

O general Brant Agon tinha uma barba grisalha, cabelos curtos e despenteados e um jeito brusco de se mover, sempre de olho em tudo. Era magro, musculoso, com pernas levemente arqueadas devido a uma vida inteira passada a cavalo.

O homem na frente dele era o duque Regnus Gyre. A cadeira de espaldar alto rangeu quando ele mudou de posição. Imenso, alto e largo, estava em boa forma. Suas mãos, enfeitadas com vários anéis, repousavam sobre a barriga.

Pelos Anjos da Noite, eu poderia matar os dois e acabar com os problemas dos Nove agora mesmo.

– Será que estamos nos enganando, Brant? – perguntou o duque Gyre.

O general hesitou.

– Duque...

– Não, Brant. Preciso da sua opinião como amigo, não como vassalo.

Durzo chegou mais perto. Sacou as facas devagar, tomando cuidado com as pontas envenenadas.

– Se não fizermos nada, Aleine Gunder se tornará rei – disse o general. – Ele é um homem fraco, sem caráter e sem fé. O Sa'kagé já manda nas Tocas; as patrulhas reais nem saem das ruas principais e você conhece os motivos pelos quais isso só tende a piorar. Os Jogos da Morte deixaram o Sa'kagé isolado. Aleine não tem força de vontade nem inclinação para enfrentá-lo agora, enquanto nós ainda podemos expulsá-los. Portanto, será que estamos nos enganando ao pensar que você seria um rei melhor? De jeito nenhum. O trono é seu por direito.

Blint quase sorriu. Os Nove do Sa'kagé, chefes do submundo, concordavam com cada palavra do que aqueles dois diziam; era por isso que Blint iria garantir que Regnus Gyre não se tornasse rei.

– E taticamente? Seria possível?

– Com um derramamento de sangue mínimo. O duque Wesseros está fora do país. Meu próprio regimento está na cidade. Os homens acreditam em você. Nós precisamos de um rei forte. De um rei bom. Precisamos de você, Regnus.

O duque Gyre olhou para as próprias mãos.

– E a família de Aleine? Ela fará parte do “derramamento mínimo” de sangue?

O general respondeu em voz baixa:

– É a verdade que quer ouvir? Sim. Mesmo se não dermos essa ordem, um de nossos homens vai matá-los para proteger você, ainda que corra o risco de morrer enforcado. É quanto acreditam em você.

O duque Gyre deu um suspiro.

– A dúvida então é: será que o assassinato de alguns agora compensa o bem de muitos no futuro?

Quanto tempo faz que eu não tenho esse tipo de dilema? Durzo mal conseguiu conter o impulso irresistível de lançar as facas. Uma raiva repentina o abalava. Por que estou me sentindo assim?

Era Regnus. Aquele homem lhe lembrava outro rei a quem já servira. Um rei digno de ser chamado assim.

– Isso cabe a você responder, duque – respondeu o general Agon. – Mas, se me permite a pergunta, será que a questão é mesmo tão filosófica?

– Como assim?

– Você ainda ama Nalia, não ama?

Nalia era casada com Aleine. Regnus fez uma cara infeliz.

– Fui noivo dela por dez anos, Brant. Nós fomos o primeiro amor um do outro.

– Perdão, duque. Isso não é da minha...

– Não, Brant. Eu nunca falo sobre isso. Agora que preciso escolher entre ser um homem ou um rei, deixe-me falar. – Ele inspirou fundo. – Já faz quinze anos que o pai de Nalia rompeu nosso noivado e a casou com aquele cachorro. Eu deveria ter superado isso. E superei, exceto quando sou obrigado a vê-la com os filhos ou a imagino dividindo a cama com Aleine Gunder. A única alegria que o meu casamento me trouxe foi meu filho, Logan, e não acredito que o de Nalia tenha sido muito diferente.

– Considerando a natureza involuntária desses dois matrimônios, duque, não seria possível você se divorciar de Catrinna e se casar com...?

Regnus fez que não com a cabeça.

– Enquanto os filhos da rainha estiverem vivos, serão sempre uma ameaça para o meu filho, quer eu os condene ao exílio ou os adote. O mais velho de Nalia está com 14 anos... idade suficiente para não esquecer que estava destinado ao trono.

– O direito está a seu favor, duque. Quem pode saber as respostas imprevisíveis que surgirão para esses problemas quando se sentar no trono?

Regnus meneou a cabeça, desanimado; obviamente o destino de centenas de milhares de vidas dependia dele. Só não sabia quanto seu destino também estava incluído nesse balaio. *Se ele estiver planejando uma rebelião, eu o mato, juro pelos Anjos da Noite. Agora sirvo apenas ao Sa'kagé. E a mim mesmo. Sempre a mim mesmo.*

– Que as gerações ainda por nascer me perdoem – disse Regnus Gyre, com lágrimas nos olhos. – Mas, Brant, não vou cometer assassinato por algo incerto. Não posso fazer isso. Vou jurar lealdade.

O derramador tornou a embainhar as facas, ignorando as sensações concomitantes de alívio e desespero que o dominaram.

É aquela maldita mulher. Ela me arruinou. Ela arruinou tudo.

Blint viu a emboscada a 50 passos de distância e caiu direto nela. Ainda faltava uma hora para o sol nascer e as únicas pessoas nas ruas sinuosas das Tocas eram os comerciantes embriagados que seguiam depressa para casa ao encontro das esposas.

A guilda – Dragão Negro, ele supôs, pelos símbolos – estava escondida após uma passagem estreita no beco, da qual os meninos podiam pular para bloquear as duas saídas da rua e também atacar dos telhados baixos.

Ele vinha fingindo ter um problema no joelho direito e havia puxado mais a capa em torno dos ombros e coberto bem o rosto com o capuz. Quando se aproximou mancando da armadilha, um dos garotos mais velhos, um *grande*, como eram chamados, pulou no beco à sua frente e assobiou, brandindo um sabre enferrujado. Outras crianças cercaram o assassino.

– Quanta esperteza! – exclamou Durzo. – Vocês montam uma emboscada antes do raiar do dia, quando a maioria das outras guildas está dormindo, e conseguem surpreender as bolsas que passaram a noite inteira na rua com as putas. Esses homens não querem explicar às esposas nenhum hematoma causado por brigas, de modo que entregam as moedas. Nada mau. De quem foi a ideia?

– Do Azoth – respondeu um grande, apontando para trás do derramador.

– Cale essa boca, Roth! – ordenou o chefe da guilda.

O derramador olhou para o menino pequeno em cima do telhado. Ele segurava uma pedra e seus olhos azul-claros estavam concentrados e alertas. O garoto lhe pareceu familiar.

– Ah, agora vocês entregaram onde ele está – comentou Durzo.

– Cale a boca você também! – berrou o chefe da guilda, sacudindo o sabre para ele. – Passe a bolsa ou nós o matamos.

– Ja'laliel – disse um menino negro. – Ele chamou as vítimas de “bolsas”. Um comerciante não poderia saber que falamos assim. Ele é do Sa'kagé.

– Cale essa boca, Jarl! Nós precisamos dessas moedas. – Ja'laliel tossiu e cuspiu sangue. – Passe logo o...

– Não estou com tempo para isso. Saiam da frente – retrucou Durzo.

– Pode ir passando o...

O derramador se projetou para a frente e, com a mão esquerda, torceu a mão de Ja'laliel que segurava o sabre, girando o corpo dele com o mesmo movimento. Seu cotovelo direito acertou a têmpora do chefe da guilda, mas ele conteve o golpe para que não fosse mortal.

Antes mesmo de os meninos se mexerem, a briga terminou.

– Eu disse que não estava com tempo para isso – repetiu Durzo e tirou o capuz da cabeça.

Sabia que sua aparência não era lá grande coisa. Ele era magro, alto e tinha os traços marcados, cabelos louro-escuros e uma barba loura rala com leves cicatrizes. Pelo modo como os meninos recuaram, porém, poderia muito bem ter três cabeças.

– Durzo Blint – murmurou Roth.

Pedras caíram no chão. O nome se espalhou feito uma onda pelos meninos, em cujos olhos Blint pôde ver medo e assombro. Eles haviam acabado de tentar assaltar uma lenda.

Abriu um leve sorriso.

– Afiem esse troço. Só um amador deixa sua arma enferrujar.

Jogou o sabre em uma sarjeta entupida de esgoto. Então avançou por entre os meninos, que abriram caminho como se Blint fosse capaz de matar todos eles com apenas um toque.

Azoth ficou olhando o derramador caminhar para dentro da bruma do início da manhã e desaparecer no sorvedouro das Tocas, assim como tantas outras esperanças. Durzo Blint era tudo que ele não era: poderoso, perigoso, confiante, destemido. Parecia um deus. Olhou para a guilda inteira preparada para enfrentá-lo, inclusive os grandes como Roth, Ja'laliel e Rato, e achou graça. Graça! *Um dia*, jurou Azoth. Não se atreveu a terminar o pensamento, com medo de Blint sentir sua presunção, mas seu corpo inteiro ansiava por aquilo. *Um dia*.

Quando o derramador já estava longe o suficiente para perceber, Azoth foi atrás dele.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br